



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**Aquisição da LIBRAS e LSU: Narrativas de um
surdo de fronteira entre Brasil e Uruguai**

Luma Monteblanco Custódio

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Aquisição da LIBRAS e LSU: Narrativas surdas de fronteira entre Brasil e Uruguai

Por

LUMA MONTEBLANCO CUSTÓDIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Graduação em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Educação Especial

Licenciada em Educação Especial

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Graduação em Educação Especial**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso:

**Aquisição da LIBRAS e LSU: Narrativas surdas
de fronteira entre Brasil e Uruguai**

elaborado por

LUMA MONTEBLANCO CUSTÓDIO

como requisito final para obtenção do grau de

Licenciada em Educação Especial

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Elisane Maria Rampelotto – Orientadora (UFSM)

Profª Ms. Priscila Silva Linassi (Examinadora)

Profª Esp. Adriane Melara (Examinadora)

Santa Maria, 11 de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jeová Deus por esta etapa cumprida, por ter estado presente comigo em todos esses momentos, me concedendo a força e o discernimento necessário para realizar meus objetivos. Jamais serei merecedora de toda a sua bondade, mas pelos méritos do teu filho Jesus Cristo, eu te louvo e te agradeço.

A minha avó Zulma Martins Montebianco (in memoria), e também a minha mãe Haidê Martins Montebianco, pela educação que me deram, pelo amor infinitamente oferecido, auxiliando com a intenção de me fazer trilhar o melhor caminho.

A essas duas grandes mulheres, agradeço, por terem se doado inteiramente, que por tantas e tantas vezes renunciaram os seus sonhos para realizarem os meus. A vocês que deixaram muitas vezes de lado suas vontades para fazerem as minhas, não basta só “meu muito obrigado”. Vocês merecem minha eterna gratidão.

Agradeço a minha irmã Luiza Montebianco e aos demais familiares, amigos e padrinhos que estiveram comigo nessa jornada, vivenciando comigo cada momento, me apoiando na forma que puderam para minha formação, e principalmente por nunca terem deixado de acreditar em mim.

A minha Tia Dora Cely Pires Martins, que me acolheu no início dessa minha jornada nessa cidade, que sempre me apoiou nas minhas decisões e me incentivou a nunca desistir dos estudos por mais difíceis que eles se tornem.

Aos meus professores pelas trocas de conhecimento enriquecedoras e em especial a minha orientadora Elisane Rampelotto por ter me aceitado como sua orientanda.

Ao núcleo de acessibilidades da UFSM, por ter me proporcionado a experiência por um ano e meio, como bolsista intérprete de Libras, e aos alunos surdos dessa instituição que ajudaram no meu crescimento pessoal e profissional, em especial ao aluno deste estudo de caso T.W., pela sua disponibilização em ajudar para que esse trabalho se desenvolvesse.

Gostaria de agradecer a todas as minhas colegas de faculdade, por estarem todas juntas em prol de um mesmo objetivo, e também aos meus amigos que estiveram sempre comigo nesse período de minha formação, e em especial a minha amiga Sarine Gonçalves da Silva, que sempre esteve presente nas horas boas e ruins, me apoiando, e dividindo comigo não apenas um quarto, mas um trecho de nossas vidas.

Agradeço também ao 'CEU II' (Casa do Estudante Universitário) e em especial ao apartamento 4201, o qual tive a oportunidade de conhecer e conviver com várias pessoas, cada qual com suas particularidades, mas pelas quais ajudaram na minha formação não só de acadêmica como pessoal.

A todos o meu muito obrigado!!!

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Graduação em Educação Especial-Licenciatura Plena
Universidade Federal de Santa Maria

Aquisição da LIBRAS e LSU: experiências vividas de um surdo de fronteira entre Brasil e Uruguai

AUTORA: LUMA MONTEBLANCO CUSTÓDIO
ORIENTADORA: ELISANE MARIA RAMPELOTTO
Data e local da Defesa: Santa Maria, 11 de dezembro de 2015

Este trabalho traz como tema principal as narrativas de um sujeito surdo nascido na fronteira do Brasil com o Uruguai, Sant'ana do Livramento/Rivera. Através desta pesquisa podem-se questionar certas relações, entre a Língua de Sinais utilizada nessa região de fronteira. Realizou-se um estudo de caso detalhado sobre a vida de um surdo diante dessa relação de troca entre as línguas de sinais e as línguas escritas, de tais países fronteiriços, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Lengua de Señas do Uruguay (LSU), Português escrito e o Espanhól escrito. Desta forma pensando sobre como os surdos são produzidos e se produzem a partir desse encontro na aquisição entre a primeira e a segunda língua, produzindo culturalmente, formas de ser surdo nas cidades de fronteira e juntamente pensando sobre a língua de sinais nesta localidade fronteira. Trouxemos como discussão o que essa língua no ponto de vista da aquisição desses sujeitos acarreta em sua formação como pessoa. Também se discute alguns aspectos importantes sobre as línguas de sinais e sua aquisição pelo sujeito surdo no que se refere ao desenvolvimento da linguagem cognitiva e interação social, trazendo como discurso a proposta de uma educação Bilingue para surdos, e como esta proposta vem sendo abordada, já que no bilinguismo o sujeito deve adquirir a língua de sinais, como primeira língua de forma natural e uma segunda língua, a língua da sociedade ouvinte majoritária (oral e/ou escrita) construída sobre as bases linguísticas obtidas por meio da língua de sinais.

Palavras-chaves: Aquisição de linguagem, Língua de sinais, Bilinguismo.

Sumário

NOTAS INICIAIS	8
PARTE I	
1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	12
1.1 Caminhos Investigativos.....	12
1.2 Sujeito da Pesquisa : TW.....	13
PARTE II	
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 A aquisição da Línguas L1 e L2 por surdos.....	15
2.2 Bilinguismo e Surdez	18
PARTE III	
3. A INFLUÊNCIA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI	23
3.1 Narrativas de TW : Histórias que Ouvimos/Vimos e Lemos	23
3.2 A Influência da Aquisição da Língua de Sinais de frontera.....	29
NOTAS FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37

NOTAS INICIAIS

Antes de dar início a temática abordada neste trabalho considero importante partilhar alguns elementos constitutivos de minha formação inicial e também vivências que influenciaram na escolha pelo tema pesquisado. Não pretendo delinear minha história de vida, mas pincelar algumas vivências e experiências que considero importantes.

Sou natural de Sant'Ana do Livramento/R.S, situada na região da campanha extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, constitui uma curiosa conturbação binacional, denominada Frontera da Paz, a qual faz divisa com a cidade de Rivera/UY, esta cidade se encontra no norte do Uruguai, aproximadamente distante 500 km da capital Montevideo. A população das duas cidades fala um idioma conhecido por portunhol riverense. Porém, há na região pessoas que falam um bilinguismo, ou a mistura de idiomas, denominada portunhol.

Foi no ano de 2011 que iniciei minha formação no Curso de Educação Especial de Licenciatura Plena da UFSM. No entanto, mesmo antes de entrar para a faculdade já tinha curiosidades a respeito da alteridade¹ surda. A vida das pessoas surdas, em especial, sempre me chamou atenção; e a Libras (Língua Brasileira de Sinais) sempre me fascinou e me inquietou. No ano de 2004 entrei para o Curso Normal, e foi durante esta minha primeira formação como educadora que tive meus primeiros contatos com pessoas surdas.

Após minha formação nesse curso, busquei outro curso profissionalizante na área da educação especial que me abriu mais chances de conhecimento nessa área. Logo ao ingressar na faculdade já tinha como pensamento e vontade, focar meus conhecimentos na área da surdez, já que esta área sempre me instigou a aprender mais. Quando cursava o 3º semestre tive a disciplina de Libras I, gostei bastante e minha vontade de aprender a Língua de Sinais só aumentou.

¹ A condição daquilo que é diferente de mim; a condição de ser outro (Silva, 2000, p. 16)

Busquei um curso fora da Faculdade, para ampliar o vocabulário e conhecimentos na LIBRAS.

Depois, já cursando o 7º semestre, fiz a inscrição para concorrer a bolsa como interprete no Núcleo de Acessibilidade da UFSM. Fui selecionada e comecei a trabalhar como interprete bolsista de acadêmicos surdos nesta Instituição de ensino. Uma experiência apaixonante e instigante que cada vez mais me captura para buscar novos desafios para seguir envolvida e imersa no território cultural e linguístico da comunidade surda

Sempre que pensava, no que fazer após o término da graduação, pensava na possibilidade de um dia, voltar para minha cidade natal e exercer a profissão na área da surdez com alunos surdos.

Sendo assim, a proposta do tema para este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC surge a partir da minha trajetória pessoal e da experiência com pessoas surdas, no decorrer de minha formação profissional. Pretendo neste estudo trazer as narrativas e experiências vividas por um surdo, que mora na fronteira entre Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) que adquiriu a LIBRAS e LSU concomitantemente. São reflexões que quero tecer neste trabalho com as questões relacionadas ao processo de aquisição e aprendizagem das duas línguas entre os países vizinhos: Brasil e Uruguai

A partir desse panorama é que começo a pensar e questionar: como um surdo de cidade fronteira entre Sant'Ana do Livramento/R.S e Rivera/UY adquiriu a Língua de Sinais como primeira língua e qual influência sofreu da língua de sinais da cidade do país vizinho? Como objetivo geral pretendo investigar e relatar as experiências linguísticas de um surdo que viveu a condição bilíngue de aquisição da LSU e LIBRAS na fronteira entre o Brasil e Uruguai. Quanto aos objetivos específicos o estudo pretende: Compreender o processo de aquisição das línguas sinalizadas pelo sujeito surdo na fronteira entre o Brasil e Uruguai.; Verificar a aquisição da LSU e LIBRAS e sua influência na vida de um sujeito surdo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, está dividido e organizado em partes que contemplam a apresentação - em NOTAS INICIAIS, onde resalto a originalidade, relevância e motivação para a realização deste estudo.

Na primeira parte contemplo a METODOLOGIA DA PESQUISA onde trago os Caminhos da Investigação, que explicam os procedimentos utilizados para desenvolver do trabalho e descreve o sujeito participante da investigação e o tipo de pesquisa – qualitativa, que se caracteriza como Estudo de Caso.

Na segunda parte intitulada como o REFERENCIAL TEÓRICO, trago reflexões sobre: A aquisição das Línguas L1 e L2 por surdos e sobre Bilinguismo e Surdez, de acordo com autores que tratam sobre o assunto na educação de surdos.

Na terceira parte para apresentar a ANÁLISE DOS DADOS, recorro aos fragmentos das Narrativas de TW: Histórias que Ouvimos/Vimos e Lemos coletados durante a entrevista. Apresento a análise dos dados e o resultado do estudo apontando as reflexões sobre a influência da aquisição da Língua de Sinais na fronteira entre Brasil e Uruguai.

Por fim, em NOTAS FINAIS, faço uma apreciação dos principais resultados apresentando as conclusões finais deste estudo.

PARTE I

1. METODOLOGIA DA PESQUISA

1.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Ao pensar na problemática da pesquisa que envolve a aquisição da linguagem com pessoas surdas em cidades fronteiriças e desenvolver esse trabalho buscou-se aporte numa pesquisa qualitativa. A análise qualitativa pode ser complementada com estudos de casos, complementando assim dados que podem ser acadêmicos, ou até mesmo um trabalho monográfico. Segundo Minayo (1995), a pesquisa qualitativa

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p.21-22).

Considerou-se, nesta pesquisa, a fala contextualizada envolvendo a história de vida do entrevistado, um sujeito surdo que viveu grande parte de sua vida na fronteira entre Brasil e Uruguai. Esses dados foram obtidos em contato direto do pesquisador utilizando-se como instrumento de pesquisa a entrevista. Trata-se de um Estudo de Caso que segundo Telles (2002) comenta que:

[...] nos estudos de caso, o pesquisador enfoca sua atenção para uma única entidade, um único caso, provindo de seu próprio ambiente profissional. Os objetivos dos estudos de caso estão centrados na descrição e explicação de um fenômeno único isolado e pertencente a um determinado grupo ou classe. Pode ser o processo de adaptação de um aluno recém-chegado à escola, de sua relação com outro professor durante um projeto realizado em conjunto; ou ainda um caso de violência dentro da instituição de ensino. O pesquisador deve determinar seu grau de envolvimento com o(s) envolvido(s) no caso. Se ele próprio estiver incluído no mesmo, deverá ter momentos de aproximação dos participantes e momentos de distanciamento para poder realizar suas reflexões e adquirir diferentes perspectivas de envolvimento (graus de não familiaridade) para produzir múltiplos significados das ocorrências do caso (TELLES, 2002, p.108).

O estudo de caso como estratégia de pesquisa, é o estudo simples e específico, complexo ou abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação.

1.2 SUJEITO DA PESQUISA: TW

O presente trabalho tem como estudo de caso, as narrativas da vida de uma pessoa surda a qual nasceu no Brasil, em uma cidade que faz fronteira com outra cidade do Uruguai. Nomearei aqui o sujeito desta pesquisa como T.W a fim de preservar sua identidade.

T.W nasceu no dia 14 de abril de 1990, tem hoje 25 anos de idade sendo natural de Sant'Ana do Livramento. Na época do nascimento aparentemente era sadio. Porém por volta dos 2 anos de idade, T.W que era uma criança sadia e ouvinte, mas quando precisou tomar uma vacina que nessa faixa etária de 2 anos é necessária. O médico o qual a mãe procurou para então fazer a vacinação do filho avisou que estava em falta na cidade e que iria demorar um pouco, sendo assim a solução da família era esperar. Nesse período de espera T.W adquiriu uma doença, que se tivesse feito a vacinação não teria corrido tanto o risco de saúde. Esta doença resultou na sua perda da audição.

Durante sua infância e adolescência passou por muitas experiências, muitas delas frustrantes envolvendo a busca por sua linguagem, e em suas narrativas T.W conta todo o sofrimento vivido até conseguir estabelecer uma língua.

Atualmente T.W é casado com uma surda, o qual constituiu sua própria família, tendo um filho ouvinte com um ano de idade, encontra-se também cursando ensino superior no curso de Educação Especial Licenciatura Plena – Diurno na Instituição de Ensino Superior UFSM. Além de estudar, T.W relata que no momento por consequência de trabalhar e estudar, não encontra muito tempo pra se dedicar mais aos estudos, além de saber que tem suas responsabilidades como marido e pai em casa, pois ao chegar da Universidade ajuda a esposa nos cuidados do filho e dos afazeres domésticos.

Seu trabalho no momento é em um almoxarifado em uma empresa de ônibus de viagens, o mesmo já possui uma formação no curso profissionalizante magistério.

PARTE II

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS L1 E L2 POR SURDOS

Descobrir que as pessoas adquirem uma linguagem tem sido uma questão considerada relevante desde os tempos primórdios. Grandes filósofos, como Platão e Aristóteles, por exemplo, tinham interesses em desvendar o mistério de como o ser humano é capaz de adquirir linguagem.

A aquisição da linguagem é um processo que apresenta padrões universais que são acessados a partir do ambiente. Crianças, em diferentes partes do mundo, com experiências da vida completamente diferenciadas, passam pelos mesmos estágios de aquisição, o que sugere que a língua adquirida não seja aprendida, mas sim determinada por princípios linguísticos inatos que interagem com a língua, a que a criança é exposta no ambiente.

A complexidade da linguagem resulta da ação desses princípios e não pode ser explicada com base no conceito “vago” de analogia (CHOMSKY, 1998, P.24). Portanto, a criança, não aprende a língua porque generaliza esses processos, mas sim porque ela esta em um ambiente que lhe fornece acesso a esse conhecimento assim como nas demais áreas do desenvolvimento. Ao falarmos que a aquisição de uma língua envolve diversos processos, é preciso pensarmos também quando se trata de línguas de modalidades diferentes.

Considerando o delinear deste trabalho, não vem a ser uma novidade o fato de que a língua portuguesa L2, de sujeitos surdos deverá ser aprendida somente depois de as crianças terem domínio da sua L1, neste caso a língua de sinais.

É perfeitamente possível que uma pessoa surda se aproprie da língua portuguesa L2 . Esse processo será dependente e uma série de fatores que influenciam o aprendizado de ambas as modalidades da língua: a oral e a escrita.

E, no que diz respeito à modalidade escrita, Silva (1999), em sua pesquisa, considera que a Libras é a língua natural dos surdos e afirma que, por esse motivo, assume apenas o caráter mediador e de apoio na aprendizagem da Língua Portuguesa, pois aprender a escrever, para o surdo, é aprender em tal caso, uma segunda língua.

Vale lembrar que uma modalidade escrita é para qualquer pessoa um mecanismo artificial, composto por convenções que simbolizam a língua natural. Para o ouvinte falante de Língua Portuguesa, entretanto, a modalidade escrita representa a mesma estrutura de sua língua oral, fazendo, portanto, bastante sentido para ele. Ainda assim, é válido lembrar que o ensino de uma língua materna, mesmo para a comunidade ouvinte, é um processo longo e que requer uma metodologia adequada para que se alcance o grau de letramento desejado para leitura e escrita.

Por outro lado, o apoio que o ouvinte encontra em sua língua materna está ausente para o surdo. Se o ouvinte pode, por exemplo, se apoiar no som que conhece das palavras, o surdo não pode fazê-lo. Assim, o sentido que a escrita da Língua Portuguesa tem para falantes nativos não é o mesmo, obviamente, para o surdo, tornando o processo de ensino-aprendizagem desta bastante singular e difícil nesse contexto específico.

Dessa maneira, pode-se acreditar que seja particularmente complexo, em parte, porque o surdo aprende a escrever pela primeira vez em uma segunda língua. Basta que nós, ouvintes, imaginemos como seria aprender a ler e escrever em uma língua estrangeira sem que nunca tivéssemos aprendido a ler e escrever em nossa língua materna.

Como já foi destacado, os surdos vivem (ou deveriam viver) em uma condição bilíngue, para que lhes seja garantido o acesso de duas línguas, a língua de sinais como L1 e a língua majoritária como L2, que no caso aqui no Brasil, vem a ser a língua portuguesa, respectivamente, a língua própria da comunidade e a língua de acesso ao conhecimento do mundo ouvinte em que vivem.

Sabemos que na grande maioria dos casos, a língua de sinais é aprendida pelo sujeito surdo somente ao chegar à escola, e tardiamente, quando também será exposta ao aprendizado da língua portuguesa.

Entretanto, a Língua Portuguesa continua ocupando um espaço significativo no universo da pessoa surda, uma vez que o sistema de escrita ensinado e utilizado é baseado nessa língua. Desse modo, existem duas línguas atuando no contexto da escola bilíngue, a LIBRAS, como língua de instrução, e a Língua Portuguesa, como modalidade escrita, representando a L2.

Segundo Venturi (2006), fatores como relações de poder, emoção, afeto, expectativas culturais, identidade e autoestima são fundamentais no processo de aprendizagem de uma L2. Entretanto esses aspectos são essenciais e não podem ser esquecidos no ensino de Língua Portuguesa a alunos surdos. É importante que o professor tenha consciência desses fatores, a fim de estimular a aprendizagem da segunda língua. Deve haver uma preocupação com os aspectos emocionais, a fim de criar condições para tratar dos demais aspectos. Acreditamos que, somente incentivando o aluno surdo, haverá condições de que ele se sinta motivado a aprender a segunda língua. Na verdade, é necessário que ele sinta que essa língua também o representa que ela também é sua língua.

Não podemos ignorar a importância da Língua Portuguesa escrita para o surdo, assim como para qualquer cidadão brasileiro. Acreditamos que, para isso, é preciso começar a romper barreiras que separam surdos e ouvintes, é preciso mostrar que compartilhamos experiências por meio da mesma língua, esta que lemos em toda parte do Brasil, que está nas redes sociais, na TV, nos jornais, nas revistas, nos manuais, nos livros, nos documentos. Enfim, por toda a parte.

Porém isso não significa, em hipótese alguma, questionar a importância do status da LIBRAS para a comunidade surda. Pelo contrário, acreditamos que somente assegurando a aquisição da L1 é possível o aprendizado satisfatório da L2. Acreditamos também que é através do reconhecimento das LIBRAS a parte fundamental dos aspectos afetivos que devem conduzir o aprendizado e que, por essa razão, devemos “respeitar a língua do outro, depositária insubstituível das identidades individuais e coletivas”.

Podemos observar, que entre os surdos adultos grau de conscientização é muito maior em relação a esse aspecto e, por isso, sua atuação é indispensável. Eles reconhecem a importância das conquistas da comunidade surda, reconhecem ser a LIBRAS a língua natural de sua comunidade e reconhecem que há muito que ser feito para continuar garantindo os seus direitos. Entretanto, eles também reconhecem a importância da leitura e escrita, reconhecem que sem elas não há inclusão, reconhecem que é por meio dela também que se conquista espaço.

Sabemos que a motivação na aprendizagem de L2 pode ser de diferentes naturezas. Pode ser por questões pessoais, por questões mais práticas ou também por questões de identificação com a comunidade linguística. Dessa maneira, muitas podem ser as razões que levam o aprendiz a se sentir motivado a aprender uma segunda língua. Seja de qual for a natureza, essa variável cumpre um papel facilitador nessa empreitada. Destacamos, assim, a impossibilidade de ignorá-la, sob pena de fracassarmos no aprendizado de Língua Portuguesa como L2 para a comunidade surda.

2.2 BILINGUISMO E SURDEZ

Ao se propor uma reflexão discursiva sobre a surdez e a língua em um contexto bilíngue, é de suma importância validar aqui brevemente alguns momentos históricos, ao ponto de tornarmos mais compreendidos alguns delineamentos desse processo.

Sabe-se que no contexto da história dos surdos, que segue vasta trajetória e tem sido ano após ano, entre profissionais envolvidos com a educação de surdos e pela própria comunidade surda, o aumento de discussões e movimentos de luta por melhorias na educação de surdos, .

Segundo Moura (2000), a educação e inserção social dos surdos constituem um sério problema, e muitos caminhos têm sido seguidos na busca de uma solução.

Nessa incessante história de luta da comunidade surda, há um grande marco ocorrido em um congresso internacional de educadores surdos na cidade de Milão/Itália nos dias de 06 a 11 de setembro do ano de 1880. Nesse congresso realizou-se uma votação, na qual ocasionou a tentativa de fazer da língua de sinais serem extinta.

Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do Oralismo puro. Após esse congresso, muitos países foram influenciados a favor do Oralismo puro, se tornando contra a comunicação através das línguas de sinais.

Em virtude dessa votação do Congresso em Milão, acontece uma queda na educação dos surdos, e por consequências drásticas o povo surdo juntou forças e ânimo para lutarem pelos seus devidos direitos à educação.

No Brasil as comunidades surdas tem uma longa história, em suas organizações foram criadas associações, confederações e federações de surdos e outros. A comunidade surda ao perceber uma necessidade de haver um espaço para discussões contra o ouvintismo², as quais não respeitavam a cultura surda, criaram as associações de surdos.

As associações de surdos atualmente fornecem atividades variadas, como de lazer, esportes, cultura entre outros.

Entretanto, após a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em abril de 2002, assegurada sobre a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, oficializada no Brasil há exatamente 13 anos. A Libras é vista, como uma língua viso-espacial, a qual possui em sua estrutura linguística características suficientes para que os sujeitos surdos adquiram sua compreensão de mundo através dela.

Foi a partir dos movimentos surdos e da oficialização da língua de sinais que começaram a abrir novos caminhos para a educação de surdos em nosso país. Mesmo assim, ainda hoje se discute, principalmente profissionais que trabalham com surdos, a respeito do método oralista.

Sabemos que a sociedade na qual estamos inseridos, é uma sociedade de língua oral, e por consequência caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais, é considerada inferior e impossível de ser comparada com as línguas orais.

Segundo Skliar (1997), o Oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística.

Torna-se claro dessa forma que, ao passo que as práticas educacionais negavam a Língua de Sinais em prioridade a métodos de ensino orais não vinha ao encontro das opiniões dos surdos. Gerando assim um processo de legalização da língua de sinais e a constituição da educação dos surdos a partir da proposta bilíngue, o que não deixa de ser ainda uma caracterização de uma realidade recente.

² Ouvintismo foi o temor usado Brasil (Skliar, 2001) para mostrar a força ouvinte sobre os surdos.

Diante de muitos estudos e pesquisa realizados, o bilinguismo entra na educação de surdos, como uma nova proposta de ensino usada em escolas especiais para surdos, que objetiva utilizar com os alunos surdos duas línguas no contexto escolar: a língua de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2.

As pesquisas têm apontado esta proposta como sendo mais adequada para o ensino de pessoas surdas, tendo como foco à língua de sinais visando alcançar o ensino da língua escrita.

É dentro deste cenário, que a Libras torna-se o principal objetivo no ensino do sujeito surdo, pois é através dela que ele poderá organizar seu pensamento e construir sua aprendizagem.

A partir disto, compreende-se que, a língua de sinais é a língua natural dos sujeitos surdos e, portanto sua primeira língua (L1), e pode-se afirmar que é também um dos principais marcadores culturais das comunidades surdas. Sabendo-se que a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), deve ser considerada a primeira língua a ser adquirida pelo sujeito surdo no Brasil.

Após de adquirir a primeira língua, o sujeito surdo terá condições de aprender uma segunda língua - neste caso a Língua Portuguesa Escrita. E só após o surdo ter estruturado o significado da LS, ele deve passar a conhecer a língua portuguesa que dará a ele acesso ao conhecimento escolar e todo o outro tipo de conhecimento que lhe for ensinado.

Segundo Quadros e Perlin (2007), o processo de alfabetização de uma pessoa surda deveria ser em um contexto de entendimento da língua portuguesa como segunda língua, gerando uma possível leitura do mundo, mas a leitura de mundo precisa acontecer por meio da língua de sinais. Isto é, só através da língua as pessoas pensam e discutem sobre o mundo estabelecendo noções e organizando pensamentos, sendo delineado o processo de alfabetização com base na descoberta da própria língua.

Kubaski e Moraes (2009) afirmam que “a pessoa com surdez apresenta as mesmas possibilidades de desenvolvimento da pessoa ouvinte, precisando apenas que suas necessidades especiais sejam atendidas.” Com essa afirmação, as autoras, se referem à língua de sinais como uma necessária para esse processo de aprendizagem, bem como a língua portuguesa. A L1 servirá de mediadora para a L2, e a alfabetização se dará de forma mais natural.

Portanto, acreditamos que o bilinguismo visa não só a atender as especificidades linguísticas da pessoa surda como também suas particularidades culturais e sociais. Essa educação Bilíngue deve ser oferecida ao surdo desde criança, quanto mais recente possível, atender aos anseios desse sujeito na sua língua materna, posteriormente será facilitadora sua aprendizagem nessa segunda língua, ou seja a L2.

Para isso é necessário implementar ações para esse acesso à Libras, antes do ingresso na escola, ou garantir no mínimo um acesso na educação infantil. Essa necessidade, no entanto, tem passado despercebida, não apenas em espaços educacionais, mas também fora das escolas.

Skliar (2001, p. 91), diz que:

Não defino a educação bilíngue para os surdos como desenvolvimento de habilidades linguísticas em duas ou mais línguas, como é comum definir-se quando se fala de crianças e adultos ouvintes [...] A educação bilíngue para surdos não deve reproduzir a ideia errada e perigosa de que saber e/ou utilizar corretamente a língua oficial é indispensável para o surdo ser como os demais – ouvintes - como a norma – ouvinte.

Desta forma, cabe a todos compreendermos que a educação bilíngue para os surdos não deve ser vista como um tipo de educação que proporcione apenas o desenvolvimento das habilidades linguísticas, já que nesta há um envolvimento não só linguístico, mas também há um envolvimento político, social, cultural, psicológico e antropológico.

PARTE III

3. A INFLUÊNCIA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI

3.1 NARRATIVAS DE TW : HISTÓRIAS QUE OUVIMOS/VIMOS E LEMOS

De posse dos dados coletados, que resultou da entrevista realizada nesta pesquisa, mostram-se as análises realizadas nesse estudo através das narrativas de T.W.

É através de relatos, que transformamos nossas vidas em histórias que se desdobram. Mas, para entender quem é outra pessoa, é preciso entender a narrativa feita por ela e pelos outros também.

Conforme Larrosa (1996):

Se o sentido de quem somos está construído narrativamente, em sua construção e em sua transformação terão um papel muito importante as histórias que escutamos e lemos, assim como o funcionamento dessas histórias no interior de práticas sociais como, por exemplo, as práticas pedagógicas. A auto compreensão narrativa não se produz em uma reflexão não mediada sobre si mesma, senão nessa gigantesca fonte borbulhante de histórias que é a cultura e em relação à qual organizamos a nossa própria experiência (o sentido daquilo que nos passa) e nossa própria identidade (o sentido de quem somos) (Larrosa, 1996, p. 147).

Sabemos que estamos inseridos em uma sociedade ouvinte, onde todos os processos comunicativos derivam da oralidade e nossas relações sociais se tornam possíveis pela linguagem. Para fazer parte dessas relações é preciso ter acesso também à língua majoritária; esta irá propiciar experiências, aquisição de conhecimentos e integração ao meio.

Segundo os relatos de vida de T.W, na época em que nasceu, era uma criança sadia e ouvinte, porém por volta dos seus dois anos de idade, precisou tomar uma vacina que nessa faixa etária é necessária.

O médico o qual a mãe procurou para então fazer a vacina do filho informou-lhe que a mesma estava em falta na cidade e que iria demorar um tempo para chegar. Nesse período de espera, segundo informou T.W, adquiriu uma doença pelo fato de não ter conseguido realizar a vacina.

Esta doença resultou na sua perda auditiva. A família abalada com a situação preocupou-se pelo fato de não saber como auxiliá-lo, foi então que através de uma tia de T.W, a família ficou sabendo que no Uruguai havia melhores condições de tratamento, e que lá também havia escola própria para surdos, já que a família não conhecia ninguém que pudesse recorrer.

Segundo os estudos de Reis (1997), o qual levantou observações com pais de filhos surdos, percebendo que há uma angústia com relação ao filho surdo, não é a sua surdez, mas as dificuldades comunicativas acarretadas por esta. Infelizmente, os pais ainda sofrem por causa desse obstáculo existente na sua relação com o filho surdo, consequência do direcionamento oral, clínico e educacional inserido na vida da criança surda.

Com três anos de idade T.W mudou-se para Rivera no Uruguai junto de seus pais, onde recebeu atendimento gratuito na escola de surdos. Porém, o ensino do país vizinho era totalmente através da comunicação oralista, sendo usada como técnica de trabalho a oralização juntamente com um aparelho de rádio para que T.W aprendesse não só a falar, mas também a ouvir.

Segundo Skliar (1997), o oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística.

Desta forma há uma consequência do predomínio da visão oralista sobre a língua de sinais e sobre surdez, e assim o surdo acaba não participando do processo de inclusão escolar e social com eficiência e qualidade. Embora a premissa mais forte que sustenta o oralismo seja a integração do surdo na comunidade ouvinte, ela não se efetiva na prática, pelo menos para a grande maioria dos surdos. Isso acaba refletindo, principalmente, no desenvolvimento de sua linguagem, sendo então o surdo silenciado pelo ouvinte e também, por muitas vezes não ser compreendido e não compreender.

T.W conta que

no início de minha alfabetização em Rivera/UY, me sentia muito frustrado e incomodo, pois não conseguia entender absolutamente nada. Eu usava um aparelho em um ouvido, que era ligado em uma espécie de rádio que ficava na cintura. A professora Uruguia cobrava muito de mim porque queria que eu falasse igual aos ouvintes. Então eu ficava bravo e me negava a aprender desta maneira obrigatória e de muita cobrança. Isso me deixava triste (T.W).

Sacks (1998, p. 52) ressalta que "(...) um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno". Quando o autor refere que o indivíduo desprovido de língua está confinado a um mundo mediato e pequeno, faz-nos lembrar das crianças surdas que não tiveram acesso à aquisição da língua de sinais e que não tiveram êxito na língua oral.

T.W coloca que:

Com a chegada de uma professora de Montevideo/UY, que conhecia e dominava a comunicação em Língua de Sinais Uruguiaia (LSU), comecei a adquirir a LSU e a partir daí os estudos já eram ensinados através da LSU. (T.W)

Góes (1999) refere que o aprendizado de uma língua implica de certa forma considerar um modo de atribuir significações ao mundo por intermédio da linguagem, percebendo assim as peculiaridades culturais.

Com isso a autora quer dizer que por meio da língua passamos a compreender o mundo, constituindo nosso cognitivo e o subjetivo, criando pelas nossas experiências e concepções próprias, de tudo e todos que fazem parte de nosso meio.

Dessa forma, a criança surda necessita de uma língua que possibilite a ela a interação ao seu meio, no qual ela seja capaz de compreender o que está ao seu redor, significar suas experiências, em vez de uma língua que a torne um ser apto para reproduzir um número restrito de palavras e frases feitas, que para ela não terão nenhum significado comunicativo, restringindo sua potencialidade para construir e utilizar a linguagem no processo dialógico.

Quanto a esta questão W.T diz que

a professora que há pouco chegou à escola, começou a me ensinar com o Alfabeto datilológico e depois com Sinal/Imagem/Palavra. Depois que aprendi a me comunicar pela LSU, tudo ficou mais claro e que agora entendo os conteúdos escolares. (T.W)

No início antes de ir para a escola, T.W fazia uso da comunicação com a família através do uso de Classificadores, pois segundo relatou:

a mãe e o pai não usavam LSU, mas usavam o Classificador para ter uma forma de comunicação entre nós. Mas alguns parentes só usavam a comunicação oral quando interagem comigo(T.W)

Na Língua Brasileira de Sinais os classificadores são entendidos pela configuração de mãos que, associadas à coisas, pessoas e animais, servem como marcadores de concordância. Quadros e Schmiedt definem como sendo:

sinais que utilizam um conjunto específico de configuração de mãos para representar objetos incorporando ações. Tais classificadores são gerais e independem dos sinais que identificam tais objetos. É um

recurso bastante produtivo que faz parte das línguas de sinais (QUADROS E SCHMIEDT 2006, p.21)

Nesta época, ainda em escola uruguaia, a família (o pai e a mãe), preocupados com os estudos de T.W decidiram mudar-se para o Brasil novamente, pois perceberam que faltava para o filho aprender a língua portuguesa, caso precisasse futuramente. Assim, T.W menciona

já tinha 15 anos, e mudei definitivamente para Sant'Ana do Livramento/BR, para aprender a língua portuguesa e conseqüentemente a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS. No Brasil recebi ensino em uma escola inclusiva, onde uma professora formada em Educação Especial já vinha trabalhando com alunos surdos há algum tempo nessa escola. Fiquei me sentindo muito confuso, pois já não sei mais como me comunicar. Faço muita confusão entre as línguas de sinais do Uruguai e Brasil.(T.W)

Sabemos que quando a família aceita a surdez e a Língua de sinais como uma modalidade comunicativa importante e passa a utilizá-la com a criança, esta irá apresentar condição para realizar novas aquisições, impulsionando seu desenvolvimento linguístico. A família, então, exerce um papel determinante para o estabelecimento da língua de sinais, como língua funcional no discurso da criança surda nos primeiros anos de vida. Quando a criança não recebe o suporte familiar, apresenta, muitas vezes, resultados insatisfatórios quanto ao desenvolvimento de linguagem e comunicação, o que irá afetá-la emocionalmente.

Portanto, a família é o alicerce para a criança e quando esta base não está firme advirão conseqüências para o desenvolvimento, gerando comportamentos agressivos e frustrações.

Segundo Kyle (1999), a língua de sinais é natural para o surdo, pois é adquirida de forma rápida e espontânea, por isso a criança surda precisa ter acesso à língua de sinais o mais cedo possível, antes mesmo do seu ingresso na escola. Daí a necessidade de a criança surda, filha de pais ouvintes, bem como de sua família ter contato com adultos surdos, usuários de língua de sinais.

No Brasil recebeu o ensino em uma escola inclusiva, a qual ao se deparar com uma nova forma de ensino, o aluno pediu para retornar a escola Uruguaia. Nessa escola nova havia uma professora

Em relação a confusão que surgia em meio as línguas, T.W pediu para seus pais para retornar a antiga escola Uruguaia, explicando que sentia muita falta de seus amigos e colegas do país vizinho.

Com essa confusão toda pedi para meus pais que queria retornar para a escola Uruguaia, expliquei que sentia falta de meus amigos/colegas uruguaios. Os pais ouviram minhas queixas e retornaram a fazer a minha matricula na escola especial de surdos no Uruguai. Mas ao retornar me senti frustrado novamente, pois não queria aprender de forma oralizada. Lembro ainda que a professora uruguaia, me chamava de burro, toda vez que eu pronunciava alguma palavra errada.(T.W)

A família ouvindo suas queixas e suas frustrações retornaram a matricula-lo na escola especial de surdos uruguaia. Mas ao retornar o aluno sentiu-se mais frustrado, pois se negava a aprender de forma oralista. Desta maneira T.W lembra que a professora Uruguaia, chamava-o de burro, toda vez que esse pronunciava alguma palavra errada.

Por consequência da frustração gerada pelo método do oralismo, o aluno decide retornar ao Brasil mais uma vez, e ficou mais ou menos seis meses frustrado em casa sem querer estudar, sentindo-se confuso. Aos poucos com a insistência da família, resolveu voltar para a escola. Desta vez estabilizar-se no Brasil e começar aprender/adquirir a Libras.

No começo T.W relata que não foi fácil, era tudo diferente, na nova aprendizagem alfabetização. Em sua sala de aula havia uma colega da mesma idade, o restante dos colegas ou eram muito velhos, ou eram muito novos, ainda crianças. Sentido também uma grande dificuldade de aprender a Libras, porém depois que aprendeu a Libras facilitou muito sua vida.

Nesta escola no Brasil havia uma sala de aula própria para trabalhar com os alunos surdos, denominada D.A (Deficiente Auditivo), onde aconteciam as aulas. T.W ainda ressalta que primeiro recebia atendimento nessa sala e só depois de ter aprendido a Libras, ele foi inserido no ensino regular. Suas aulas eram no D.A em turno sempre inverso e depois passava para a sala regular de ensino.

Pela manhã T.W frequentava aula no ensino regular com o apoio da professora de surdos, que fazia papel de intérprete. Foi dessa maneira que T.W conseguiu as intepreções em sala de aula de ensino regular, esse

acompanhamento era oferecido em todas as suas aulas e nas provas. Suas provas eram todas objetivas, para facilitar o entendimento dos conteúdos e poder passar para série seguinte. Porém o aluno sentiu muito a falta do ensino mais aprofundado do português

Após sua formação no 2º Grau, decidiu mudar-se para a cidade de Santa Maria, localizada no centro geográfico do estado do Rio Grande do Sul no Brasil, conhecida com a cidade universitária, e em busca de melhores chances de emprego e oportunidade para seguir dando continuidade aos seus estudos.

E sabendo que em Santa Maria tem uma escola própria para surdos e que na empresa de transportes rodoviária denominada Planalto, havia oportunidades de emprego para pessoas surdas, muda de cidade .

Assim que mudou-se para Santa Maria entregou currículo na empresa Planalto e logo foi chamado para trabalhar. Ainda não satisfeito só com o emprego, resolveu dar continuidade aos estudos, matriculando-se na escola Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, aonde fez magistério e formou-se no ano de 2013, obtendo como formação professor de séries iniciais.

No mesmo ano de 2013, T.W tentou vestibular na UFSM para o curso de Engenharia Química, mas não conseguiu ser aprovado neste processo seletivo. As provas de seleção para o ingresso ao ensino superior foram objetivas, o que tornou para T.W resultar numa média boa, no entanto nas provas que exigiram o português escrito, o aluno sentiu muita dificuldade e por consequência não atingindo uma média geral que o aprovasse.

No ano de 2014, não desistindo e investir nos estudos, prestou vestibular novamente, só que nesse ano para o curso de Licenciatura Plena em Educação Especial noturno da UFSM. Nesse ano foi aprovação curso de licenciatura em Educação especial, dando início a vida acadêmica no ensino superior.

Atualmente T.W encontra-se no 2º semestre do referente curso, mostra-se satisfeito com a escolha. Porém optou por não fazer todas às cadeiras ofertadas no semestre, devido seu grau de entendimento ao português escrito.

3.2 A INFLUÊNCIA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE FRONTEIRA

Sabe-se que aquisição da linguagem é o processo pelo qual indivíduo aprende a sua língua materna, com influências a partir do ambiente que esta inserido, nas suas diferentes partes do mundo, com experiências de vidas diferenciadas, porém mesmo com essas suas diferenças todos passam pelo mesmo estágio de aquisição, o que sugere a língua adquirida não seja apenas aprendida, mas determinada por princípios linguísticos inatos que interagem com a língua a que o sujeito é exposto no ambiente.

A questão da influência linguística que uma língua exerce sobre outra é um fato facilmente perceptível e considerado histórico. Desde que os contatos entre os povos de línguas diferentes se estabeleceram, tivemos como consequência uma língua mais importante ou influente, o que se deve a motivos tais como: pela leitura, porque permite uma maior comunicação entre os povos.

Ao passo que foram criados os limites territoriais, na fronteira do Brasil e do Uruguai, ocorreram desta forma uma revolta independente, ou até mesmo contrária para os desejos e aspirações dos habitantes da zona de fronteira.

Havendo essa necessidade de demarcar as fronteiras, geograficamente, socialmente e linguisticamente como forma de diminuir tal risco de interferência entre as línguas.

Conforme eram traçados esses limites territoriais, muitas mudanças não se reproduziram no movimento das populações migrantes. Desta maneira pode-se dizer que a fronteira é um espaço social, é um espaço real, que se significa simbolicamente. A fronteira é um espaço cujos sentidos nos trazem a questão de relação entre as línguas.

Machado (1998, p.41) afirma-nos que:

é preciso (...) notar que, quando os Estados, Reinos ou Províncias tratam de contratar, quer dizer, de fixar as fronteiras por tratados mais que pelas armas, não interferem em um território virgem. Práticas ancestrais foram já estabelecidas entre as populações que se tocam, constituíram-se módulos vivendi que integram (...)

A possibilidade de pensar sobre a fronteira no âmbito da linguística e as influências que esta acarreta na vida de um sujeito surdo, leva a estabelecer um enfoque para este trabalho. A noção de fronteira nos variados estudos

linguísticos tem sido focada no que diz respeito à relação entre gramáticas das línguas. Muitos estudos sobre línguas em contato buscam explicar características das formas misturadas, ou seja, a presença de uma língua no sistema linguístico da outra.

Em cidades fronteiriças isso acontece da mesma maneira, porém com grandes influências do país vizinho, pois muitos rótulos de marcas ou até mesmo alguns encarte de anuncio de loja vindo do país vizinho, será de uma nova língua que a pessoa está aprendendo sem se dar conta. Como acontece no caso na cidade de Sant'Ana do Livramento que por influência da cidade de Rivera/UY, os brasileiros passam a fazer compras no outro país e aprendendo a se comunicar com os Uruguaios. E assim vai se criando uma comunicação entre fronteiras.

No caso do contato entre as línguas portuguesa e espanhola, bem como nas modalidades escritas e sinalizadas, as quais abordamos no contexto deste tema, numa região onde existem uma intensa mobilidade populacional e que contribui para a entrada de uma língua no espaço e circulação da outra.

Este fato é contribuinte para identificar significativamente o cruzamento das línguas praticadas pelos sujeitos surdos fronteiriços. O sujeito deste trabalho está inserido nesse espaço, onde ocorrem o português e espanhol “entrelaçados” nesse contexto fronteiriço, considerando as condições sócio históricas, tanto a língua espanhola na modalidade escrita e sinalizada, como a língua portuguesa também nas modalidades escrita e sinalizadas funcionam como a língua próxima, ou seja, as línguas estão presentes uma na outra.

Ao passo que a história da Língua de Sinais, como já comentado neste estudo está marcada por inúmeras lutas e movimentos surdos em prol de reconhecimento e o respeito às diferenças, valorização da língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural.

No Uruguai, a língua de sinais uruguaia (LSU) tem ‘parentesco’ com as LIBRAS, pois se originou a partir da língua de sinais francesa do século XVIII. A LSU foi reconhecida pela lei nº 17.378 de 10 de Julho de 2001 como língua natural das pessoas surdas e de suas comunidades, habitantes no território uruguaio.

No Uruguai, país que faz fronteira com o estado do Rio Grande do Sul, a educação de pessoas surdas alguns anos era oralista, atualmente luta-se pela educação bilíngue assim como no Brasil.

A implantação deste modelo bilíngue de educação para surdos nas escolas públicas do Uruguai data de 1987, de acordo com o professor Leonardo Peluso (2009). O propósito fundamental deste plano inicialmente foi defender a independência dos sistemas linguísticos que estão presentes na educação que se pretende 'bilíngue'.

Contudo, ao longo dos anos, as dificuldades foram aparecendo e evidenciando a complexidade que existe no processo de mudança teórico-metodológica no campo da surdez: do patológico ao campo das políticas linguísticas.

Os surdos vivem em uma situação trilingue, onde o espanhol e português são as línguas oficiais dos países e a LSU e LIBRAS são a língua utilizada pela comunidade surda.

Essa influência nas cidades de fronteiras não vem a ser tão fácil de desenvolver-se, já que a mistura entra as línguas, torna-se um processo lento para os surdos, quando se trata das miscigenações linguísticas.

Segundo os relatos de T.W, o qual mostrou que essa mistura de línguas pode acarretar numa confusão e desestimulado o sujeito a aprender.

Quando T.W relata que no Brasil, recebeu o ensino em uma escola inclusiva, a qual havia uma professora já formada em educação especial que vinha trabalhando com alunos surdos algum tempo nessa instituição, e que esta ensinava Libras para seus alunos surdos. T.W conta que se sentiu muito confuso, pois já não sabia como se comunicar, fez muita confusão entre as línguas de sinais.

Com essas narrativas do sujeito da pesquisa, podemos refletir que a influências das línguas no processo de aquisição da língua do sujeito, é de suma importância que este escolha qual língua irá utilizá-la, ao passo que a mistura das línguas nesse primeiro processo pode tornar muito confuso.

Desta forma é ausência da linguagem, que fará com que o indivíduo surdo acabe desenvolvendo uma comunicação precária, baseada em alguns gestos ou mímicas apenas para comunicar suas necessidades básicas junto a família. É a aquisição da LIBRAS ou da LSU que permitirá o desenvolvimento

pleno do surdo em todos os aspectos, sejam eles sociais, profissionais ou culturais.

Assim, o direito a língua de sinais e contato com a comunidade surda devem ser garantidos, possibilitando assim a formação da identidade de uma pessoa diferente, não deficiente, que possui limitações como qualquer outro indivíduo.

PARTE IV

4. NOTAS FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho teve como principal objetivo, analisar as narrativas de um sujeito surdo que viveu o processo de aquisição linguística na condição de aquisição da L1 e L2 na fronteira entre o Brasil e Uruguai.

A ideia de coletar dados a partir de uma entrevista oferece liberdade ao participante T.W de realizar uma narrativa contando de suas experiências.

Na primeira parte busquei falar sobre os caminhos investigativos que me levaram a chegar nessa pesquisa. A partir da pesquisa qualitativa desenvolvida e dos dados coletados através de uma entrevista direta com o sujeito alvo, foi possível obter uma análise de como foi suas experiências durante seu processo de aquisição linguística e como esse influenciou na sua vida.

Em um segundo momento trouxe os temas como suporte teórico, que falam sobre as questões do bilinguismo e surdez, a aquisição das Línguas L1 e L2 e a influência da aquisição da língua de fronteira.

Foi discutido em um breve relato os aspectos históricos que contribuíram para a difusão de concepções sobre a surdez e o bilinguismo no mundo. Ficando evidente a importância da educação bilíngue para a aprendizagem de um sujeito surdo, sendo fundamental, para isso uma metodologia de ensino própria, visando a importância de perceber que a pessoa surda tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da pessoa ouvinte, precisando apenas que suas necessidades especiais sejam atendidas.

A língua de sinais L1 torna-se imprescindível para esse processo de aprendizagem, bem como a L2, visto que, a primeira, servirá de mediadora para a segunda, e a alfabetização será de forma natural, primeiramente entende-se a Libras, e, aos poucos, associa-se a segunda língua majoritária.

Na terceira parte, vimos as narrativas de T.W, o sujeito surdo que relata sua história de vida, como foi seu processo de alfabetização morando em uma cidade fronteira, já que nestas cidades há uma grande mistura de dialetos.

.Percebemos em suas narrativas que a família é a principal responsável pelo desenvolvimento da linguagem da criança, pois é o primeiro contato que ela estabelece. As opções feitas pelos pais ouvinte às crianças surdas farão a diferença na formação de um sujeito isolado ou de uma pessoa capaz de desenvolver-se plenamente, e que a principal barreira a ser vencida é a visão

de nossa sociedade excludente, que não aceita as diferenças, considerando anormal todo aquele que não se encaixa nos padrões estabelecidos.

A língua de sinais é a língua de instrução que deve ser adquirida naturalmente pelo surdo; basta que ele seja posto em contato com os seus pares. Já a língua oral pode ser aprendida, mas não adquirida espontaneamente. A pressão social para que um indivíduo sem audição adquira uma língua oral-auditiva é no mínimo contraditória.

Sendo assim, mesmo que tardiamente a aquisição da LS é essencial para o desenvolvimento cognitivo e interacional do surdo, pois a ausência de uma língua natural pode interferir negativamente na maneira como ocorrerão as manifestações das habilidades comunicativas, afetivas e emocionais deste sujeito.

Além disso, é relevante mencionar neste estudo, o importante papel da LS para a construção da identidade e a subjetividade do sujeito surdo mediante a sua inserção social e na cultura surda.

Acredita-se que este trabalho possa trazer elementos para a compreensão dos fatores e implicações envolvidas também no processo de aquisição tardia da LS sobre o desenvolvimento cognitivo e social do sujeito surdo.

Uma vez que, a partir das designações que abordamos nesse trabalho, mostramos a relação do sujeito com a língua, dentro de um espaço enunciação fronteiriço, o sujeito do local estabelece a diferença, marca na língua e pela língua aquilo que o separa do outro, evidenciando sua relação com o vizinho demarcando através da troca de comunicação, seja ela falada ou sinalizada.

Por tanto, considerando que o atraso na linguagem vivenciado pelo sujeito da pesquisa T.W, foi decorrente dos danos sociais e emocionais. Percebe-se que a linguagem não possui apenas a função comunicativa, mas a função de organização e estruturação do pensamento, assumindo um papel essencial no desenvolvimento cognitivo das pessoas com surdez, (Vygotsky 1987). Com isso, identifica-se que não é na fala o meio que o surdo possui para criar significados, mas toda e qualquer forma que envolva significado, principalmente por meio do canal visual, ou seja, a LS.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> dia 06 de novembro de 2014.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente.** Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. **Bilinguismo Como Proposta Educacional Para Crianças Surdas,** 2013.

KYLE, J. **O ambiente bilíngue: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilinguismo para surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). Atualidades da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 15-26.

LAROSSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação: uma entrevista de Jorge Larossa, para Alfredo Veiga-Neto,** em julho de 1995. In: COSTA, Marisa V. Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 133-161.

MACHADO, Lia O. **Limites, Fronteira e Redes.** In: STROHAECKER et al (orgs.). Fronteiras e Espaço Global. Porto Alegre: AGB. 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995

MOURA, M.C. O surdo: **caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PELUSO, L. Dificuldades en la implementación de la educación bilíngüe para el sordo: **el caso de Montevideo.** In: SKLIAR, Carlos (org.). Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos: processos e projetos pedagógicos. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

QUADROS, Ronice Müllir, SCHMIEDT, Magali L.P. **Idéias Para Ensinar Português Para Alunos Surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis. **Estudos surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, c2007.

REIS, V.P.F. **A linguagem e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança surda.** Espaço Informativo Técnico Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 6, p. 23-38, 1997.

SACKS, O. Vendo vozes: **uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz T. da. **Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKLIAR, C. (Org.). A surdez: **um olhar sobre as diferenças**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001, p.7-32.

SKLIAR, C. **Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no Projeto de Educação Bilíngüe para os Surdos**. Espaço Informativo Técnico Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 6, p. 49-57, 1997.

TELLES, João A. “**É pesquisa, é? Ah, não quero não, bem!**” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. . *Linguagem & Ensino*, Pelotas, RS, v.5, n.2, 2002, p. 91-116.

VENTURI, M. A. “Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados”. In: DEL RÉ, A. (org). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia).